

Antropólogo diz que índio só mata em legítima defesa

Brasília — Ao matarem, os índios atroaris-waimiris dão mostras apenas de uma única preocupação: defender suas últimas reservas de terras da cobiça dos colonizadores brancos, segundo a tese defendida pelo antropólogo Roque de Barros Laraia, chefe do Departamento de Ciências Sociais da Universidade de Brasília.

De acordo com a interpretação do antropólogo Barros Laraia "a morte do sertanista Gilberto Pinto foi um ato ostensivo da vingança dos atroaris-waimiris, por índole pacíficos, como todos os indígenas brasileiros, desde a época do descobrimento por Cabral. As agressões só começaram depois, quando os nativos passaram a entender melhor os interesses do branco colonizador".

ESTADO DE DESESPERO

A análise feita pelo professor Roque Laraia sobre a maneira como ocorreu o ataque indígena ao acampamento da Funai, não deixa dúvidas de que foram os próprios guerreiros atroaris-waimiris os responsáveis pela morte do sertanista Gilberto Pinto e seus companheiros. Mesmo penalizado com a morte dos funcionários da Funai, o professor Roque Laraia chama a atenção para um fato que teve pouca divulgação na imprensa e até agora não foi esclarecido: "Trata-se de um massacre que teria sido feito por grupos de brancos interessados nas terras dos índios. Ao que se informa, o sertanista Gilberto Pinto, antes de morrer, teria prendido alguns dos responsáveis pelo massacre, que se encontram em Manaus à espera de julgamento".

Esses grupos — quase todos de Manaus — têm procurado alarmar a opinião pública contra os índios e é justamente por isso que, quando um índio mata um branco (civilizado), fatalmente a notícia corre o país de Norte a Sul; mas quando o branco mata o índio, dificilmente a notícia consegue chegar mesmo à Funai, destaca o professor Roque Laraia. Daí a revolta dos atroaris-waimiris, que se encontram em estado de desespero por sentirem que suas terras estão sendo invadidas, não só pela estrada que atravessará seus territórios, mas também por pessoas inescrupulosas que não respeitam os índios como uma sociedade.

DEFENDER ATE' A MORTE

O professor Roque Laraia não esconde a importância do trabalho de atração que vem sendo feito pela Funai. Isto porque há mais de 14 anos que os sertanistas vêm procurando contato com os atroaris-waimiris, como demoraram 44 anos para chegar à aldeia dos parakanan — índios estabelecidos no Pará, cujo trabalho de atração somente em 1972 obteve êxito.

Os atroaris-waimiris desde o início do século têm sofrido sucessivos ataques e massacres, por parte dos brancos, sendo de aproximadamente mil — ao que se sabe — o número atual de membros dessa tribo.

Acontece que pouco ou quase nada se conhece dos atroaris-waimiris. Mas uma coisa é certa: "Nenhum grupo ataca gratuitamente".

Lembrou o professor Roque Laraia que Cabral foi muito bem recebido pelos índios, por ocasião de sua chegada ao Brasil na época do descobrimento. A mudança de tratamento do índio para o branco, naquela época, só se verificou 30 anos mais tarde, quando os indígenas começaram a entender melhor os interesses alienígenas.

"Do ponto de vista antropológico não existe diferença qualitativa entre as sociedades humanas. Tanto uma com 100 milhões, como outra de 100 pessoas, ambas dependem de certos requisitos básicos para seu funcionamento. Portanto, os atroaris-waimiris não constituem um bando desorganizado de indivíduos, mas uma sociedade organizada com sistemas político, religioso, econômico e de parentesco".

— E foi como uma sociedade organizada que as atividades bélicas determinaram o ataque para evitar a invasão de seus territórios. Isto porque os índios — mesmo acreditando que são impotentes

diante do poderio branco (maior número de pessoas e melhores armas) — crêem, sobretudo, no dever de lutar para defender seus territórios, da mesma forma que a cavalaria polonesa enfrentou os tanques alemães no início da II Guerra Mundial.

Entende o antropólogo da UNB que, para o caso, a melhor solução, "de imediato", que deveria ser adotada pelo Governo, seria a de interditar, ou melhor, proibir terminantemente toda a penetração desordenada do branco na região.

— Mesmo que isso signifique a suspensão temporária da construção da estrada. Essa medida visaria a dar aos sertanistas da Funai, dentro em breve, as condições necessárias para a pacificação (atração) do grupo dos atroaris-waimiris.

Simultaneamente — acrescentou — deveria se pensar na constituição, na mesma região, mas não muito próximo ao traçado da estrada, de uma reserva para os atroaris-waimiris, de forma que o trabalho de aculturação seja processado gradativamente, buscando atenuar os efeitos das conseqüências do contato. Principalmente, aos contágios de doenças para as quais o índio não tem resistência e também aos choques culturais das mudanças provocadas bruscamente.

Depois de afirmar que não deve chegar a 10 o número de tribos conhecidas que estejam na mesma situação de conflito como os atroaris-waimiris, o professor Roque Laraia disse que é preciso estabelecer-se um entendimento melhor com os índios brasileiros e, em particular, atualmente com os atroaris-waimiris, porque dessa tribo a única coisa que se sabe é que falam a língua *karib*, língua essa dos indígenas da América Central e só falada no Brasil pelos waimiris e pelos kalapalos do Parque do Xingu. Os kalapalos falam uma língua do tronco *karib*.

— Classificar os atroaris-waimiris de violentos ou selvagens — finalizou — é impróprio, porque não se pode, *a priori*, acusar nenhum grupo humano de violento. A questão a ser resolvida é o conflito da noção de propriedade. Os índios se julgam donos de seus territórios e estão dispostos a defendê-los até a morte.

UMA CONFEDERAÇÃO

A ligação de nome do grupo tribal atroari ao nome do outro grupo, os waimiris, por diversas vezes tem levado a considerar estas duas tribos como uma só. A ligação desses dois grupos tribais encerra uma realidade histórica sem similar para os estudiosos dedicados à antropologia do nativo brasileiro. Em verdade, as duas nações indígenas — os waimiris e os atroaris — são as únicas, ou pelo menos as primeiras descobertas no país, em regime confederado.

Embora a data em que tenha se formado essa confederação tribal ainda seja motivo de pesquisas e tema de discussão para os antropólogos, existe a certeza inicial de que a união nem sempre existiu entre essas duas tribos. Sabem os eruditos que a comunidade waimiri-atroari, ou vice-versa, se tornou possível pela semelhança de seus costumes, seus hábitos alimentares, e até mesmo de seus caracteres físicos. Ambos são originários do tronco linguístico *karib*, usado por todos os silvícolas habitantes da região formada pelos rios Alalaú, Camanaú, Uatuman e Jauaperi, e do igarapé Santo Antônio do Abonari, no Norte do Estado do Amazonas, área de influência da Rodovia Manaus—Caracará e proximidade do local onde passará a Rodovia Perimetral Norte.

Já no século passado o pesquisador Barbosa Rodrigues dava testemunho da presença dos grupos waimiri-atroari nas proximidades do rio Urubu, através de documentos etnográficos doados ao Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas. A hipótese mais defendida pelos estudiosos do assunto é de que a expansão da sociedade nacional tenha provocado um retraimento das duas tribos, fazendo com que elas abandonassem o rio Urubu e se unissem numa confederação, há cerca de 50 anos, na foz dos rios Camanaú e Jauaperi.